

Artigos

CARTAS PARA A MINHA MÃE: UM “GIRO PARA O SUJEITO” NA LITERATURA DECOLONIAL CUBANA¹

LETTERS TO MY MOTHER: A “SUBJECTIVE TURN” IN CUBAN DECOLONIAL LITERATURE

Isabel Ibarra Cabrera¹

Resumo: O presente artigo objetiva analisar a obra *Cartas para a minha mãe*, de Teresa Cárdenas. Esta obra estabelece uma crítica à sociedade racializada de Cuba nos anos de 1990. A análise apresentada parte de fundamentos críticos caribenhos, pós-coloniais e decoloniais, que revelam a presença da discriminação racial e a ideologia do branqueamento como marcas deixadas pela colonialidade/modernidade na sociedade cubana atual.

Palavras-chave: Racismo; Ideologia do branqueamento; Literatura decolonial.

Abstract: The present article aims at analyzing the work *Letters to my mother*, by Teresa Cárdenas. This work establishes a critique of Cuba’s racialized society in the 1990s. The analysis presented is based on critical Caribbean, postcolonial and decolonial foundations that reveal the presence of racial discrimination and the ideology of whitening as marks left by coloniality / modernity in society.

Keywords: Racism; Ideology of bleaching; Decolonial literature.

¹ Doutora em História pela Universidad Complutense de Madri e Professora Titular do Departamento de História e da Pós-graduação em História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: isabel.ibarra@ufma.br.

Introdução

Em Cuba, a escrita para crianças e adolescentes, como leitores privilegiados, iniciou-se no século XIX, tendo como precursor José Martí, que em 1889 publicou a primeira revista para meninos e meninas de “Nuestra América” intitulada *La edad de Oro*. Durante o século XX, com o processo de construção da nação e a democratização do ensino, houve uma preocupação com a escrita destinada às crianças, mas, somente na década de 1950, apareceram alguns escritores da literatura cubana infantojuvenil que se destacaram, dentre eles: Enrique Bacardí Moreu, Concepción Alzola, Hilda Pereira, Anita Arroyo e Antonio Ortega. Contudo, após o triunfo da revolução cubana de 1959, organizou-se um mercado editorial direcionado à publicação infantojuvenil e ao incentivo a leitura¹. Dessa forma, em 1962, foi criada a *editora Juvenil*, que, em 1967, foi renomeada como *Gente Nueva*. Nesse contexto, também surgiram outras revistas dirigidas ao público jovem e infantil, como: *Mella*, *El caimán barbudo*, *Nosotros*, dentre outras. Assim, com o intuito de fortalecer o mercado editorial infantojuvenil apareceram vários tipos de premiações para esse gênero literário, entre eles: o prêmio Casa de las Américas, o prêmio David e o prêmio “Ismaelillo”, da Unión de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC), que incentivava a criação literária voltada para o público mais jovem. Dessa forma, vários escritores tiveram suas obras publicadas e reeditadas em Cuba, como Dora Alonso, Onélio Jorge Cardoso, Nersys Felipe, Ivette Vián, David Cherician, Luis Cabrera Delgado, Joel Franz Rossel, Excilia Saldaña, dentre outros que trabalham temas muito variados, desde a imaginação, o folclore afro-cubano e a vida rural.

Todavia, uma mudança importante ocorreu no mercado editorial nos anos de 1990, período de crise econômica, social e política que fez surgir novos temas, os quais não tinham espaços na literatura infantojuvenil, como: a morte, a migração, a prostituição, a homofobia e o racismo. Tal contexto social do país influenciou diversos escritores da literatura infantojuvenil, que passaram a abordar essas temáticas do presente imediato. Nesse sentido, Ibarra (2000) e Reduello (2013) assinalam que a literatura é considerada uma importante fonte para a história cubana do tempo presente, devido à censura e o silenciamento impostos à imprensa. Para Ocampo (2015), muitos escritores da literatura infantojuvenil, nos anos de 1990, viram uma possibilidade de escrever com mais liberdade, dado que a literatura sobre as temáticas citadas era considerada de menor status. A esse respeito, Franz Rossel (1999) afirma que, devido à crise dos anos de 1990, escritores da literatura cubana infantojuvenil tenderam a mostrar a sua insatisfação com a ausência de valores na

ilha. Ainda, conforme o autor, tratar os problemas sociais sem renunciar a ambição estética se constituiu como um desafio para esta literatura.

Como dito anteriormente, os anos de 1990 coincidiram também com grandes mudanças em Cuba. As obras de Esther Whitfiel “Cuban Currency. The dollar and special period fiction” e de Elzbieta Sklodowska “Invento, luego resisto: el periodo especial en Cuba como experiencia y metáfora” tratam das mudanças acontecidas na ilha, especialmente, na narrativa de ficção após a queda do Muro de Berlim e a desintegração da ex-União Soviética.

O contexto social de Cuba, nos anos de 1990, possibilitou, como afirma Junco (2010), uma aproximação crítica da situação das relações raciais em Cuba a partir da constatação empírica das diferenças raciais e da desigualdade socioeconômica entre brancos e negros. Com a liberação do dólar, no ano de 1993, uma das principais fontes de remessas de divisas que entram nos lares cubanos é proveniente das famílias que moravam no exterior (em sua maioria constituídas por pessoas brancas), além disso, nas áreas turísticas, as contratações de brancos eram maiores do que as de negros, evidenciando que a situação socioeconômica da população negra era visivelmente pior². Alguns trabalhos se destacaram nas discussões sobre a invisibilidade do aporte cultural do negro na construção da nacionalidade cubana como os trabalhos de: Daysi Rubiera (1996), em “Reyita, Sencillamente”, e Daisy Rubiera e Inés Maria Martiatu (2011), em “Afrocubanas, historia, pensamiento y prácticas culturales”. Essas investigações aprofundaram discussões em torno da condição da mulher negra e a difícil convivência com o ideal de branqueamento racial.

Ainda nos anos de 1990, em Cuba, surgiram discussões sobre a questão racial em alguns coletivos e encontros que eram realizados em várias instituições, dentre elas: a UNEAC, Universidad de La Habana e o Instituto Fernando Ortiz. A incorporação da discussão apresentada pelo coletivo de mulheres negras intelectuais cubanas analisara, por um lado, a permanência de uma política inconsciente do ideal de branqueamento³, por outro lado, o silenciamento da discussão sobre o racismo após a revolução cubana de 1959⁴. Nesse contexto, surge a obra *Cartas para a minha mãe*, de Teresa Cárdenas, tal obra está inserida no âmbito da literatura infantojuvenil. A escritora Teresa Cárdenas Angulo nasceu em 1970, na cidade de Cárdenas, em Matanzas, Cuba. Tem sido reconhecida com várias premiações e, hoje, tem suas produções traduzidas para diversos idiomas, como, inglês, português, alemão e coreano. Dentre suas principais obras estão: *Cartas para a minha mãe* (1997), *Oloyou* (2000), *Cuentos de Macacupé* (2001), *Perro Viejo* (2006) e *Tatanene Cimarrón* (2008).

A sua primeira obra, *Cartas para a minha mãe*, foi publicada pela primeira vez em 1997. Esta obra introduz, na literatura infantojuvenil, a discussão de duas questões que se constituem como tabú: a morte e o racismo – este último sobrevive na atualidade cubana⁵. Dessa forma, a obra aponta a farsa da “igualdade racial” e abre espaço para o protagonismo negro na literatura destinada ao público infantojuvenil. É uma obra despretensiosa, dado que a própria autora se diz “não acadêmica”. Assim, a narrativa aborda a história de uma menina órfã que escreve para sua mãe ausente, descrevendo o seu sofrimento no convívio com uma avó, uma tia e duas “primas” que não gostam dela. Em contrapartida, na história temos a personagem Menú, apresentada como uma fada madrinha ou uma madrinha, que, de certa forma, adota a menina⁶. A Menú é uma curandeira que perde o filho ainda criança e cria uma relação de proteção e cuidados com a menina protagonista, tratando suas feridas físicas e emocionais. A maioria das personagens da obra *Cartas para a minha mãe* é feminina. No entanto, aparecem três personagens masculinas: o pai ausente, desconhecido que manteve uma relação com as duas irmãs e as abandona junto com as filhas; o marido da tia, que é um homem que a maltrata fisicamente e violenta a prima; e o Roberto, que surge na trama como a única personagem masculina positiva; este foi abandonado pela mãe e encontra o amor junto a menina protagonista. A história deles pretende superar o racismo que impera na sociedade cubana atual.

Cartas para a minha mãe: quando o luto termina

As relações entre história, literatura e subjetividade estão relacionadas a uma mudança paradigmática que acontece após os anos de 1980, mais especificamente, nos anos de 1990: neste período ocorreu o que a Beatriz Sarlo (2007) chamou de “giro para o sujeito”. Essa mudança acarretou o uso da primeira pessoa como ponto de vista o que irá fortalecer e dar um status de credibilidade ao testemunho.

O uso da primeira pessoa na narração de *Cartas para a minha mãe* indica uma das características de uma narrativa que se apoia na experiência. Porque, como diz Larrosa (2002, p. 25-26), a experiência é “aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece e, ao nos passar, nos forma e nos transforma”. A necessidade de escrever e contar as experiências da morte, da pobreza e das tensões nas relações raciais foi um dos objetivos da autora nesta obra, no intuito de formar e transformar os seus leitores. Em uma entrevista realizada com Teresa Cárdenas, ao ser questionada a respeito dos temas espinhosos na literatura para crianças e jovens, a autora afirma que se pode escrever sobre qualquer tema para crianças e jovens, desde que seja do jeito certo. Além disso, questiona:

Não parece um pouco hipócrita que se espantem quando aparecem situações difíceis em um livro, enquanto na vida real as crianças experimentam atrocidades diariamente, diante dos olhos do mundo e ninguém se escandaliza, e o que é pior, não fazem nada? (CARDENAS apud PASKO, 2018, p. 1).

Ao analisar *Cartas para minha mãe*, Ocampo (2015) afirma que, essa forma de escrever para as crianças sobre diversos temas da realidade, assemelha-se, por um lado, a um conto de fadas neste caso, a estória de Cinderela, uma menina órfã que fica na casa da tia com duas primas que a maltratam; mas, por outro lado, tem um vínculo com a realidade. Interessante destacar que o livro retrata uma menina negra que não conhece o pai, que é órfã da mãe, que vive com a avó, uma tia e duas primas numa situação de pobreza e exclusão. Para Todorov (1975, p. 60), “o que distingue o conto de fadas é uma certa escritura, não o estatuto do sobrenatural”. Assim, concordamos com Ocampo (2015) que *Cartas para minha mãe* tem menos de conto de fadas e mais aproximação com a realidade. Teresa Cárdenas consegue fazer que a sua obra literária se aproprie de um discurso realista e verossímil. Nessa obra a protagonista é uma menina negra, sem nome que conta o seu cotidiano, suas aventuras e desventuras, as pessoas que a ajudam e as que não gostam dela. A comunicação da menina se dá mediante cartas onde ela pode expressar livremente a sua subjetividade que irá aprofundar duas temáticas que cruzam a narrativa: a questão racial e a morte.

A morte e a construção do luto será um dos temas centrais na narrativa *Cartas para a minha mãe*; a escrita das cartas é a forma que a menina encontra para se sentir mais próxima da mãe ausente. A obra literária trata o assunto da morte de forma simbólica, em que a narrativa de *Cartas para minha mãe* constrói o conceito de morte e o conceito de perda. A literatura como objeto da linguagem, segundo Ramos (2010, p. 86), “é fator indispensável de humanização, pois permite que os sentimentos passem de simples emoção para uma forma mais concreta, uma vez que são experienciados pelo leitor”. No começo do livro, a menina invoca a morte: “Eu estaria melhor aí com você. Todas as noites, espero que venha com sua pipa e me convide a morrer de uma vez” (CARDENAS, 2010, p. 7). Ao desejar morrer desde o começo do livro, o leitor conhece o sofrimento da perda experienciada pela menina.

Teresa Cárdenas não pretende evitar falar de sofrimento na sua obra e toca de maneira real o tema da morte, aceitando-a como algo que faz parte da vida. Dessa forma, as suas personagens também mostram as diferentes formas de lidar com a dor e com a morte, tais formas estão permeadas de elementos da santeria cubana. À medida que a menina cresce e fortalece seus laços afetivos o luto também

vai chegando ao fim. Acredito que uma das relações mais bonitas em *Cartas para a minha mãe* é a que se dá entre a menina protagonista com Menú: Se a menina perde a mãe, Menú perde o filho. Esse elo de cumplicidade na dor as aproxima e as tornam amigas, independentemente da idade. Os momentos mais felizes da menina se dão no jardim de Menú. Esse jardim, segundo a menina, parece “um bosque encantado” e Menú conta para a menina que ali está enterrado o seu filho que morreu quando era pequeno: “Ao redor de seu túmulo há muitas flores. Ela disse que o corpo do menininho enriquece a terra. Porque ele não foi enterrado mais semeado” (CARDENAS, 2010, p. 48).

A personagem Menú vai encarnar o lado positivo da história porque ela acolhe a duas crianças que sofrem com o abandono e os maus-tratos: a menina protagonista, órfã e discriminada em sua própria casa; e o Roberto, que foi abandonado pela mãe devido à prostituição. As duas crianças encontram na casa de Menú um refúgio.

Numa das cartas a menina explica para Roberto (o seu namorado) que as pessoas quando morrem vão para o céu e que: “o céu de verdade, não se vê, se sente. É uma coisa tão bonita e serena que não dá nem para imaginar. E, quando a gente tenta, cada um vê uma coisa diferente. Para cada um existe um céu diferente” (CARDENAS, 2010, p. 81). E conclui: “Quero um céu onde as avós sejam boas e distribuam doces entre seus netos. Onde ninguém maltrate as crianças, nem as obriguem a fazer coisas que não gostam. Um céu onde ninguém me chame de beicuda nem de feia e onde eu não me sinta sozinha” (CARDENAS, 2010, p. 82).

A menina protagonista faz uma catarse do seu sofrimento e na imaginação coloca o céu como paraíso onde se encontram os mortos e os vivos indistintamente e onde não existe maldade, não existe racismo, não existem maus-tratos e onde se possa encontrar as pessoas do bem: “quero um céu assim, onde Roberto, Menú e seu filhinho, Silvia [a sua professora], você e eu possamos brincar eternamente” (CARDENAS, 2010, p. 82).

Podemos perceber que, em *Cartas para a minha mãe*, a protagonista constrói o luto, se no começo da história a morte aparece como uma solução para o sofrimento da menina: “sonho de noite que sopra um vento que carrega todas as minhas coisas para o céu” (CARDENAS, 2010, p. 78), ou quando explica que a morte da mãe aconteceu porque não aguentava a pobreza e a infelicidade:

Acho que você fez isso porque não aguentava mais as chuvas e as discussões. Mas muitas vezes as pessoas brigarem era melhor do que começar a chover. Você passava os dias dizendo que a qualquer momento iria para um lugar onde ninguém pudesse encontrá-la. E foi o que fez. Muita gente não entende isso. Mas eu entendo. É melhor

você estar no céu do que em Venécia [a favela onde elas moravam antes da mãe morrer]. Lá você nunca seria feliz (CARDENAS, 2010, p. 44).

No final da estória, a menina parece se conformar com a morte da mãe:

Esta noite voltei a sonhar com você, que me dava adeus. Acho que finalmente, como diria Menú, a luz chegou a sua alma e seu espírito está se elevando[...] Mamãe, embora preferisse ter você aqui comigo e não aí, tão distante, quero que saiba que eu perdoou você. (CARDENAS, 2010, p. 107).

O final de *Cartas para minha mãe* nos leva a acreditar que Teresa Cárdenas pretende cumprir com um ideal da literatura infanto-juvenil, que seria o de ajudar a criança a superar a dor, o sofrimento, a perda e a ausência. Nessa perspectiva, a autora, em uma entrevista, assinala: “Hoje vivemos em meio a uma violência impactante, e neste caso, a literatura pode ensinar as crianças a sobreviverem, a se defenderem, pode formar seres humanos melhores” (CARDENAS Apud PASKO, 2018, p. 1).

***Cartas para minha mãe*: o “giro para o sujeito” e a afirmação da identidade negra**

“No princípio, o Universo era todo branco”
Teresa Cárdenas

Cartas para minha mãe mostra a presença do racismo na sociedade cubana atual, propondo-se a dar voz ao subalterno (a protagonista é uma menina negra e pobre), bem como produzir a afirmação da identidade e o protagonismo negro na literatura infanto-juvenil cubana dos anos de 1990.

A ideia de raça foi o suporte das classificações e desigualdades de povos pelo mundo moderno/colonial. No discurso moderno colonial, os corpos colonizados foram usados para servir sendo destituídos de subjetividade e voz própria (Hooks, 1995). Nesse sentido, a cultura do colonizado sobreviveu nas margens. A fundamentação crítica do colonialismo, o racismo e a discriminação se basearam nos aportes e críticas dos teóricos negros caribenhos (CÉSAIRE, 1978; FANON, 2009), a partir da década de 1980 se consolidou com os teóricos pós-coloniais (HALL, 1997; BAHBHA, 1999; SPIVACK, 2003) e os caribenhos (HARRIS, 1999; GLISSANT, 2017); a partir da década de 1990, a crítica foi fortalecida pelos latino-americanos e ibéricos chamados decoloniais (DUSSEL, 2000; MIGNOLO, 2005; GLOFOGEL, 2007; BOAVENTURA SANTOS, 2002).

Em Cuba, a crítica às manifestações de discriminação e subalternização do negro, ganharam fôlego após os anos de 1990. Os coletivos de mulheres negras têm se organizado e realizado discussões sobre a presença do racismo e da ideologia do branqueamento na literatura e em obras escolares. Desse modo, a crítica realizada pelos intelectuais cubanos, dentro e fora da Ilha, sobre a questão racial parte da compreensão do campo das práticas sociais e culturais visto como a construção democrática de reconhecimento e aceitação entre identidades e culturas diferentes. Como diz Boaventura Santos (2002, p. 75), “temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza”.

Em várias ocasiões, em entrevistas realizadas, Teresa Cárdenas aponta a necessidade que ela encontrava quando era menina de se ver representada nos livros que lia e nunca encontrava uma personagem que se parecesse com ela. Numa entrevista realizada em Cuba, Teresa Cárdenas afirma que: “Era una niña negra, hija de madre soltera, humilde, un personaje que nunca veía en los libros[...]”. (GOL & LOBAINA, 2009, p. 72).

A escrita de Teresa Cárdenas se aproxima da teoria feminista afro-americana, pela forma de narrar e a necessidade de expressar a sua subjetividade, partindo da situação social em que vive e do reconhecimento de ser marginalizada por ser mulher e negra. Collins (2006) caracteriza a escrita das mulheres afro-americanas como *outsider within* (estrangeiras de dentro) por descrever de uma forma especial o seu self, a família e a sociedade.

A escritora Bell Hooks (1984) se posiciona como uma *outsider within* quando descreve a sua infância em Kentucky: “ao viver como vivíamos, na margem, acabamos desenvolvendo uma forma particular de ver a realidade. Olhávamos tanto de fora para dentro como de dentro para fora... compreendíamos ambos (Hooks, 1984, p. VII)”.

As personagens principais de *Cartas para minha mãe* fazem diversas referências à questão racial, à discriminação e ao legado colonial da ideologia do branqueamento⁷. Esta é uma questão central porque o colonialismo não morre com a independência de Cuba de Espanha, ou posteriormente, com a chamada pseudo-República, nem sequer depois do triunfo da revolução socialista de 1959, onde o ideal de igualdade foi um dos princípios defendidos pela revolução. O racismo permanece nas mentes, nas práticas e nos atos de colonizadores e colonizados como colonialidade e sobrevive por séculos. Essa dimensão cultural da colonialidade foi trabalhada por Grosfogel (2007) e Maldonado Torres (2007) que definem o termo da seguinte maneira:

O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131).

Teresa Cárdenas reconhece que muitas das ideias que marcam a sua obra têm relação com as suas experiências, em várias entrevistas cedidas a diferentes meios. A autora analisa como a ideia de raça está presente nas relações intersubjetivas na sociedade cubana atual. Teresa Cárdenas conta que foi vítima de racismo quando era pequena porque ansiosa procurava um livro que se parecesse com ela e uma pessoa lhe deu o livro intitulado “Negrita”, de Onélio Jorge Cardoso, que tem como protagonista uma cachorrinha. A esse respeito, Cárdenas fez a seguinte declaração:

Foi decepcionante, eu me senti ferida. Buscava alguém que se parecesse comigo, mas a ideia principal não era sobre raça. Buscava uma realidade como a minha, pessoas que cozinhavam com carvão, que não tinha geladeira ou televisor na casa, que não tivesse pai, mas, que no fim da história terminavam felizes[...]. No entanto, em meio de tudo, fiquei surpresa com o fato que não havia meninas negras como eu na literatura infantil. Por que? Não sabia. Essa foi uma resposta que foi respondida anos mais tarde quando comecei a escrever. (ALMEIDA, 2018, p. 141).

Dessa forma, Teresa Cárdenas descobre que o seu papel como escritora na literatura infantojuvenil cubana será o de mostrar que o racismo e a invisibilidade do negro opera no sentido de reforçar a identidade hegemônica branca. Ela também critica a ideologia do branqueamento que continua permeando todas as estruturas sociais da Cuba contemporânea. A autora propõe na sua obra contestar e construir uma trajetória e reforço da identidade negra. A crítica de Edith Piza sobre a ideologia de branqueamento vai nesse sentido quando afirma:

Não se trata, portanto, da invisibilidade da cor, mas da intensa visibilidade da cor e de outros traços fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais para uns, e a neutralidade racial para outros. As consequências dessa visibilidade para negros são bem conhecidas, mas a da neutralidade do branco é dada como “natural”, já que ele é o modelo paradigmático de aparência e de condição humana. (PIZA, 2002, p. 72)

Na obra *Cartas para a minha mãe*, Teresa Cárdenas apresenta algumas personagens que reforçam a assimilação e o efeito da ideologia do branqueamento na população negra. Uma dessas personagens é a avó da menina que personifica a assimilação cultural. A avó é uma mulher negra e doméstica que trabalha na casa dos “brancos”. No início das cartas a menina conta: “Minha avó diz que é bom apurar a raça. Que o melhor que pode acontecer com a gente é casar com um branco” (CARDENAS, 2010, p. 13). A ideia do branqueamento racial criou dois termos igualmente racistas em Cuba: “adelantar” e “atrasar”, os quais são definidos pelo historiador Moreno Friginals:

la mujer blanca podía engendrar blancos, pero si cruzaba con negros tendría mulatos, lo que sería un retraso demográfico. La negra en vez de parir negritos generaría mulatos blanqueando así la sociedad. El habla popular había creado ya dos términos esencialmente racistas a partir del proceso biológico del engendramiento: *adelantar* cuando el nacido es más blanco que la progenitora: *atrasar* cuando es más negro. (FRAGINALS, 1995, p. 131-132).

Esses conceitos racistas de “adelantar” e “atrasar” sobrevivem desde o século XIX, fortalecendo a ideia de superioridade do branco. Na narrativa *Cartas para a minha mãe*, são criadas duas personagens que refletem como se relacionam com essa influência de forma antagônica: a menina Sara introjeta a assimilação racial; ela acredita que é mais clara, não quer ser negra e discrimina o pai por ser mais escuro que ela; contudo, ela também sofre discriminação porque ao internalizar e acreditar no modelo do branco como condição humana, a Sara também é inferiorizada: “Alguns meninos disseram a Sara que ela quer se passar por branca e é piola porque gosta do Roberto, um menino branquinho da nossa turma” (CARDENAS, 2010, p. 12). O termo “piola”, em Cuba, mostra por si só a tensão da mestiçagem e a discriminação e violência presente na ideologia de branqueamento. Fanon (2009) nos adverte em sua obra *Piel negra, máscaras blancas* como a colonialidade trabalhou sobre os indivíduos impondo a ideologia do branqueamento, assim, o autor analisa e responsabiliza a sociedade que produz o complexo de inferioridade na população negra:

Si él se encuentra hasta este punto sumergido en el deseo de ser blanco es porque vive en una sociedad que hace posible su complejo de inferioridad, en una sociedad que extrae su consistencia del mantenimiento de ese complejo, en una sociedad que afirma la superioridad de una raza; en la exacta medida en que la sociedad le plantea dificultades, él se encuentra colocado en una situación neurótica. (FANON, 2009, p. 103).

[...] el negro no debe volver a encontrarse ante este dilema: blanquearse o desaparecer, sino que debe poder tomar consciencia de una posibilidad de existir; dicho aun de otra manera, si la sociedad le plantea dificultades a causa de su color, si yo constato en

sus sueños la expresión de un deseo inconsciente de cambiar de color, mi objetivo no será disuadirlo aconsejándole “guardar las distancias”; mi objetivo, por el contrario, será, una vez aclarados los móviles, ponerle en disposición de elegir la acción (o la pasividad) frente a la verdadera fuente de conflictos, es decir, frente a las estructuras sociales. (FANON, 2009, p. 104).

A menina protagonista de *Cartas para minha mãe* que sofre de discriminação por ser negra, dentro do seio familiar e fora dele, assume-se como negra e enfrenta a verdadeira “fonte” dos conflitos, assim como aconselha Fanon (2009). No início da obra, ela afirma: “Sou a menina mais alta e mais preta da sala. Talvez a mais triste também” (CARDENAS, 2010, p. 11). Dentro do seio familiar a menina que mora com o avô, a tia e as primas padece pela falta de afeto. A avó encarna o papel da madrasta que castiga a menina sem ela saber o porquê. A avó quer que a menina seja empregada como ela. A menina protagonista acredita que ela é maltratada e sofre a discriminação racial por ser no lar a que tem traços negros definidos: “todos me chamam de beijuda nessa casa onde não queria morar” (CARDENAS, 2010, p. 16). A relação tensa na família mostra como a ideia do branqueamento permeia todas as relações sociais. A menina protagonista mostra como as relações interracializadas não são aceitas socialmente: “quando o Roberto e eu passeamos, não gosto de dar a mão para ele, porque muita gente fica olhando como se estivesse acontecendo alguma coisa muito estranha” (CARDENAS, 2010, p. 87). A prima também a discrimina por ser mais negra: “Antes de chegarmos à escola, Niña parou e ficou me examinando como se eu fosse um bicho raro: na verdade, você é mesmo preta e beijuda, disse ela. E sabe o que ela fez, cuspiu em mim” (CARDENAS, 2010, p. 77). Os conflitos na casa e os maus-tratos que ela recebe a levam a comparar a sua situação com a do escravo: “a coluna me dói toda. A vovó me espancou como se fazia com os escravos” (CARDENAS, 2010, p. 37).

A menina, na descoberta do mundo das relações sociais, entre as quais familiares, percebe a sociedade e todos os seus símbolos racializados. Durante a narrativa, ela descobre que existe um único Deus que para os negros se chama Olofi, e que o Deus dos brancos nasceu quase na África, mas é branco e com traços brancos:

Então fui até a igreja do parque e peguei emprestado um livro que fala de Jesus e do país onde ele nasceu. Mamãe, por pouco ele não nasceu na África! [...] a velhinha das flores que o Deus dos negros se chama Olofi, mas é o mesmo Deus dos brancos, só que cada um coloca nele a cor e o nome que tiver vontade. E disse que Deus fez os homens de todas as cores porque ele é como as crianças, que não gostam de coisas iguais, que as deixam entediadas. Imagino que muitos brancos não conhecem uma história dessa. Eles não gostariam de adorar um Deus retinto e beijudo, por mais misericordioso que fosse. Não iam achar bonito. (CARDENAS, 2010, p. 64).

A discussão sobre a questão racial vai delineando questões estéticas que trazem a discussão de gênero como algo central. Almeida Junco (2010) analisa que a questão do cabelo como padrão estético vai ser imposto, tal padrão se configura como cabelo cumprido e liso, tidos como ideal de beleza para as mulheres cubanas desde que são crianças. A discussão sobre o ideal de beleza branco foi travado nos Estados Unidos nas duas primeiras décadas do século XX, o exemplo de Madame C.J. Walker, que enriqueceu inventando um tratamento de alisamento do cabelo considerado “ruim”. As críticas realizadas a imitação do cabelo das brancas foram recolhidas por Paula Giddings (1988, p. 18) “até o New York Times, em matéria sobre o uso de produtos como o ‘Black-no-more’, questionava a sinceridade do orgulho racial e concluía que os negros na verdade tinham vergonha de sua raça”. A menina protagonista também se posiciona como diferente em relação às primas e a Sara, que se encantam com o ideal de beleza branco. Assim, a menina também critica a atitude das primas que gostam de fazer como se o cabelo delas fosse liso: “Antes quando Lilita e Niña brincavam de jogar água uma na outra no banho tomavam cuidado para que caísse só da cintura para baixo porque se o cabelo molhasse ficava duro de novo” (CARDENAS, 2010, p. 20); “Niña gosta de colocar as calçolas ou uma toalha na cabeça e andar de um lado para outro cantarolando: Meu cabelo é bom! Meu cabelo é liso! Tenho vontade de rir mas também dá raiva. Algumas pessoas não sabem ser negras. Tenho pena delas” (CARDENAS, 2010, p. 20).

A menina protagonista de *Cartas para a minha mãe* se posiciona afirmando a sua autoimagem negra e seu orgulho racial. Para Nilma Lino Gomes (2002, p. 2) “o corpo surge, então, nesse contexto, como suporte da identidade negra, e o cabelo crespo como um forte ícone identitário”. A menina não aceita o alisamento porque prefere valorizar os penteados que valorizam a sua beleza negra: “Por isso não deixo que passem pente quente em meu cabelo. Não quero ficar parecida com Sara. Prefiro fazer penteados. Como as africanas” (CARDENAS, 2010, p. 20).

A menina protagonista critica a sobrevalorização da raça branca e o modelo racista dessa sociedade e se apresenta como agente, comparando-se com a mãe também negra, a partir da auto-representação de sua corporeidade e beleza:

Encontrei um pedaço de espelho na rua. Agora passo o tempo todo me olhando. A testa, os olhos, o nariz, a boca... Sabe de uma coisa? Descobri que meus olhos são parecidos com os seus, que não podiam ser mais bonitos, e que minha boca e meu nariz são normais. Não gosto que digam que os negros têm nariz achatado e beirão. Se Deus existe, com certeza está furioso por ver tanta gente criticando sua obra. Como acha que eu ficaria com olhos azuis, narizinho fino e a boca feito uma linha? (CARDENAS, 2010, p. 19).

Considerações Finais

Pode-se concluir que a obra de Teresa Cárdenas, *Cartas para a minha mãe*, dá voz ao subalterno, à menina protagonista negra que assiste a tudo e está imersa numa sociedade racializada, onde constantemente é interpelada a negar sua cor. No entanto, Teresa Cárdenas questiona o estabelecimento de um único padrão de beleza e revela a necessidade de a mulher negra ocupar um espaço sem estabelecimentos hierárquicos nem de supremacia. A autora propõe uma nova forma de humanidade em que a questão racial seja realmente superada, inclusive na linguagem. Um exemplo disso é a relação interracial entre a menina protagonista e Roberto, a menina reage a um comentário da avó quando ela a interpela: “quem é esse branquinho que anda com você?”, e ela diz: “Não soube nem o que responder. Nem lembrava que Roberto é branco” e conclui: “Foi então, que descobri que quando gostamos de alguém a cor da pele não tem importância” (CARDENAS, 2010, p. 88). Acreditamos que só se conseguirá alcançar a utopia da igualdade quando se retirar o véu da colonialidade que sobrevive nas “mentes dos colonizados” e quando a ideia de raça não fizer mais parte da caracterização dos seres humanos. O livro *Cartas para a minha mãe* de Teresa Cárdenas no seu conjunto de vozes possibilita a existência de identidades plurais e mostra também que as histórias podem servir não só para desvalorizar, mas também, como diz Chimamanda Adichie, para recuperar a dignidade perdida:

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno, mas histórias também podem ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo. Mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida (ADICHIE, 2009, p. 87).

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The danger of a single history*, 2009. Video conferencia TED. Transcrição disponível em: https://ngl.cengage.com/21centuryreading/resources/sites/default/files/B3_TG_AT7_0.pdf. Acesso em: 26 jan. 2023.
- ALMEIDA, Rayana Alves de. Quartos de despejo e cartas a mi mamá: escrituras de mulheres negras na literatura latinoamericana. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Integração Latino-americana, Foz de Iguazu, 2018.
- ALMEIDA JUNCO, Yulexis. Racismo: un mal que ronda la sociedad contemporánea. Una reflexión desde Cuba. *Serviço Social & Realidade*, Franca, v. 19, n. 1, pp. 11-32, 2010.
- ALMEIDA JUNCO, Yulexis. *Género y racialidad*. Un estudio de representaciones sociales en el barrio “La Timba”. 2008. Tesis (Maestría) – Cátedra de la Universidad de la Habana, 2008. (inérita).
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: editora UFMG, 1999.
- CABRERA, Olga. Género, sexo e raça e a formação de subjetividades femininas em Cuba, século XIX. *Revista Estudos Feministas*, n. 25, n. 1, pp. 117-145, 2017.
- CARDENAS, Teresa. *Cartas para a minha mãe*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2010.
- CÉSAIRE, Aimée. *O discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa editora, 1978.
- COLLINS, Patricia Hills. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1. pp. 99-127, jan./abr. 2016.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad e eurocentrismo. In: LANDER, E. (coord.) *La decolonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2000.
- ESPINA PRIETO, Rodrigo; RODRÍGUEZ RUÍZ, Pablo. Raza y desigualdad en la Cuba actual. *Revista Temas*, n. 45, pp. 44-54, enero/marzo 2006.
- FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras blancas*. Madrid: ediciones Akal, 2009.
- FELIPE, Nersys. *Román Elé*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1988.
- GIDDINGS, Paula. *When and where I enter: the impact of black women on race and sex in América*. New York: Bantam, 1988.
- GLISSANT, Edouard. *Poética de la relación*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2017.
- GOL, Jordi; LOBAINA, Yannis. Encuentro con narradores de literatura infantil. *Paralelo Sur*, n. 7, pp. 72, diciembre 2009.
- GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, n. 21, pp. 40-51, 2002.

- GROSGUÉL, Ramon. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias decoloniais. *Ciencia e Cultura*, São Paulo, v. 59, n. 2, pp. 32-35, 2007.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: D&PA, 1997.
- HARRIS, Wilson. *Selected Essays of Wilson Harris*. The unfinished genesis of the imagination. London & New York: Routledge, 1999.
- HOOKS, Bell. *From margin to center*. Boston: South End Press, 1984.
- IBARRA CABRERA, Isabel. *Por una historia del presente de Cuba*: apuntes para su estudio. Editorial Academia Española, 2011.
- MALDONADO TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO GOMES, S.; GROSGUÉL, R (Orgs) *El giro decolonial*. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana, Instituto Pensar, Universidad central – IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007, pp. 127-167.
- MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciencias sociais*. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005, pp. 71-103.
- MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba/España. España/Cuba: una Historia común*. Madrid: editorial Grijalbo Mondadori, 1995.
- LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, pp. 20-28, 2002.
- OCAMPO, Denise. Literatura infantil para el desarrollo social. Cartas al cielo, de Teresa Cárdenas. Cualquier semejanza con la realidad, ¿es pura coincidencia? *Revista Humanitas Letras*, pp. 103-125, 2015.
- OCASIO, Rafael. La revolución cubana y su literatura infantil. Estudio histórico bibliográfico. *Confluencia*, v. 6, n. 1, pp.55-64, 1990.
- PASKO, Priscila. Teresa Cardenas: griot dos principios e finais. *Nonada*, Veredas, 02 abr. 2018. Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2018/04/teresa-cardenas-griot-dos-principios-e-finais/>. Acesso em: 13 jan. 2023.
- PIZA, E. Porta de vidro: uma branquitude. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. (Orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002. pp. 59-90.
- RAMOS, F. B. Por que a literatura? Ciberteologia. *Revista de teologia & cultura online*, Ano VI, v. 30, pp. 85-95, 2010.
- REDUELLO, Laura. “Escribir en Cuba: ¿crear, mentir o callar?”, entrevista a Arturo Arango. In: ARANGO, Arturo. *Terceras reincidencias*. La Habana: editorial Letras Cubanas, 2013, pp.88-105.
- ROSSEL, Joel Franz. La literatura para niños en Cuba, 1959-1989. Política, creación, mercado. América. *Cahiers do CRICCAL*, n. 23, pp. 113-122, 1999.

RUBIERA CASTILLO, Daisy.
Reyita simplemente. Testimonio de una nonagenaria. La Habana: Ediciones Verde Olivo, 2000.

RUBIERA CASTILLO, Daisy,
MARTIATU, Inés María. *Afrocubana:*
Historia pensamiento y prácticas
culturales. La Habana: Editorial Ciencias
Sociales, 2011.

SANTOS, B de S. Os processos da
globalização. In: SANTOS B. de S. (Org.)
A globalização e as ciências sociais. São
Paulo, Cortez, 2002.

SANSONE, Lívio. *Negritude sem
etnicidade: o local e o global nas relações
raciais e na produção cultural negra do
Brasil.* Salvador/ Rio de Janeiro: Edufba,
Pallas, 2004.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura
da memória e guinada subjetiva.* São Paulo:
Companhia das Letras; Belo Horizonte,
UFMG, 2007.

SKLODOWSKA, Elzbieta. *Invento, luego
resisto: el periodo especial en Cuba como
experiencia y metáfora.* Santiago de Chile:
editorial cuarto propio, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorti. ¿Puede el
subalterno hablar? *Revista Colombiana de
Antropología*, v. 39, pp. 297-364, enero/
diciembre 2003..

TODOROV, T. *Introdução à literatura
fantástica.* São Paulo: Perspectiva, 1975.

WHITFIELD, Esther. *Cuban Currency.
The dollar and special period fiction.*
Minneapolis: the University of Minnesota,
2008.

Notas

- ¹ Houve um boom da literatura infantil e juvenil cubana entre os anos de 1968-1984 com a publicação de 842 obras e 365 coedições com os países socialistas, como: Bulgária, Polônia, Checoslováquia, Alemanha e a ex-União Soviética (OCASIO, 1990).
- ² As diferenças socioeconômicas entre brancos e negros são tratadas em várias investigações. A título de exemplo, ver Espina Prieto; Rodríguez Ruíz, 2006.
- ³ Esse ideal vai ser comum a todos os países latino-americanos e caribenhos que incentivaram a migração branca europeia para “melhorar”, “desenvolver” e construir às novas nações independentes.
- ⁴ Sobre este tema ver Almeida Junco (2010) e Rubiera (2011). Estas autoras reconhecem que após a revolução de 1959, muitas medidas foram tomadas por parte do governo para extinguir a discriminação racial, a desigualdade social e possibilitar o acesso à educação, o que de fato aconteceu, beneficiando também a população negra e parda em Cuba. No entanto, novos estudos em Cuba indicam a permanência de expressões racistas, a desigualdade de empregos para brancos e negros e a rejeição de vínculos interracialis no âmbito familiar e do emprego (ALMEIDA JUNCO, 2008). Algo similar ocorre no Brasil, como mostra o resultado da pesquisa etnográfica realizada na Bahia por Sansone (2004).
- ⁵ Outros autores como Nersys Felipe, em Román Elé (1988), tinham tratado o tema da discriminação racial, mas antes da revolução cubana de 1959. A primeira escritora infantojuvenil em Cuba que tem um protagonista negro é Hilda Pereira em *Contos de Apolo* (1946).
- ⁶ Isto é muito comum na sociedade cubana. Desde o século XIX, há uma rede de solidariedade para a proteção das crianças órfãs. Em geral, as madrinhas têm uma participação nas religiões afro-cubanas. Ver o artigo de Olga Cabrera (2017).
- ⁷ A ideologia do branqueamento é um grande diferencial em relação à sociedade americana onde a separação entre brancos e negros foi maior e, ainda que haja relacionamentos interracialis, não há distinção entre filhos com traços mais brancos ou mais negros; todos se consideram afro-americanos. No entanto, em Cuba a questão do branqueamento foi uma ideologia que permeou na sociedade, já que, quanto mais branco, mais privilégios sociais e econômicos poderia alcançar o jovem ou a jovem.